



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

O MAPA-MÚNDI MUDOU. CAÍRAM AS IDEOLOGIAS E COM ELAS NOVAS GEOGRAFIAS SÃO TRAÇADAS.



A HISTÓRIA MAIS DEVASTADORA É DETROIT. O LUGAR QUE ANTES SIMBOLIZAVA A PROSPERIDADE É HOJE UMA CIDADE FANTASMA.



TUDO ISSO ESTÁ EM DETROPIA, UM DOS 50 FILMES DO BRASÍLIA INTERNATIONAL FILM FESTIVAL, O BIFF, MOSTRA DE CINEMA QUE ESTÁ EM CARTAZ NA CIDADE.



A BELEZA DO BIFF É A DIVERSIDADE E A POSSIBILIDADE DE VER A CENA CINEMATOGRAFICA FORA DO "MAINSTREAM".



OUTRA CARTOGRAFIA O mapa-múndi mudou. Caíram as ideologias e com elas, novas geografias são traçadas. Novos desenhos rasgam o planeta, indicando uma outra cartografia. Novos limites nascem de culturas ancestrais. Novos recortes cortam o imaginário. Uma nova geografia política e humana começa a surgir. Nesse cenário, o capitalismo força o fim das barreiras. Do outro lado, a cultura exige limites. Os hábitos, os valores e a história tentam demarcar os territórios. O capital ignora os fatos; quer eliminar fronteiras e reinar sozinho. Nesta guerra, o capital apela. Corta empregos, elimina direitos, esvazia as leis e cultiva o abandono. A população reage. Faz piquetes, passeatas, greves. Os exemplos se multiplicam mundo afora.

DETROIT A história mais devastadora é Detroit. O lugar que antes simbolizava a prosperidade, a tecnologia, o desenvolvimento e a inovação é hoje uma cidade fantasma. A população caiu de 1,8 milhão para 700 mil habitantes. Mais de 50 mil casas abandonadas já foram implodidas. Endividada, a prefeitura projeta uma redução de custos, às custas da mudança da população. O plano exige que moradores abandonem suas casas e venham para o centro ocupar os apartamentos vazios. O objetivo é reduzir as distâncias dos transportes e diminuir os custos dos serviços públicos. A população resiste.

VIROU PÓ O que antes simbolizava prosperidade agora é ruína. A terra das fábricas de automóveis, capital da Ford, General Motors, Chrysler e tantas outras atividades produtivas geradoras de emprego, renda e riqueza virou pó. O capital foi embora buscar salários baixos, menos encargos e impostos. O capital foi atrás de um lucro maior. Levou consigo anos de pesquisa, de conhecimento e informação. Entregou o capital humano dos americanos para os chineses em troca de menos custos e empregados baratos.

BRASÍLIA INTERNATIONAL FILM FESTIVAL Tudo isso está em Detropia, um dos 50 filmes do Brasília International Film Festival, o BIFF, mostra de cinema que está em cartaz na cidade, oferecendo um conjunto de produções contemporâneas que sinalizam os rumos do nosso tempo. A programação é intensa. Começa cedo no Teatro Nacional, com filmes de animação e obras representativas da África, além de películas com a musa da *nouvelle vague*, a bela Anna Karina, convidada especial do festival. A partir das 12:30h, as quatro salas do Liberty Mall apresentam uma programação bem planejada que vai até às 23 horas.

DIVERSIDADE A beleza do BIFF é a diversidade e a possibilidade de ver a cena cinematográfica fora do "mainstream". Filmes de Honduras, Romênia, Sérvia, Moçambique, Chile, Senegal e Polônia dividem a tela com produções ousadas da Alemanha, França, Itália, EUA, Espanha, Reino Unido. São obras de ensaio, documentários e cinema experimental nos ensinando a ver além do óbvio, enxergar novas linguagens, outras estéticas e novos caminhos. Uma oportunidade rara de observar a diversidade cultural e ver as grandes transformações que o mundo está vivendo neste novo século.

ARAYA Na programação está o magnífico Araya, recentemente restaurado. O filme foi realizado na década de 1950 pela talentosa cineasta venezuelana Margot Benacerraf. Projetado pela primeira vez no Festival de Cannes de 1959, a obra dividiu o prêmio da crítica com Hiroshima, Mon Amour, de Alain Resnais. Benacerraf faz um belo ensaio poético sobre a vida de três famílias que vivem na árida península de Araya, no noroeste da Venezuela. A estética elegante de uma câmera discreta e profunda revela, em preto e branco, a vida de pessoas que vivem da extração do sal e da pesca, tendo as mãos, o mar e o vento como instrumentos de trabalho. Sem um único depoimento, o filme relata o ambiente, as pessoas e seu dia a dia. Um texto poético fala do mar, do vento e do trabalho. Uma narração lúdica e delicada tece a vida do lugar em contraponto com a elegante trilha sonora criada por Guy Bernard.

DOIS GUERREIROS O festival é uma ousada iniciativa de Nilson Rodrigues e Anna Karina de Carvalho, duas figuras que reconhecem a importância de colocar a capital do Brasil no circuito internacional. Dois guerreiros que, com talento e coragem, planejaram uma mostra bem desenhada, com espaço para as várias linguagens que compõem o mundo do cinema. Do documentário, passando pelo cinema de animação, o festival tem filmes de ensaio, ficção, experimentação e está organizado em 7 mostras: Novo Cinema Europeu, Independentes Americanos, Mostra Competitiva, Cara Latina, Panorama África, Retrospectiva Anna Karina e Mundo Animado. São 50 filmes de curta, média e longa metragem revelando tendências, caminhos, dramas, medos e coragem do século 21.